

Humor e preconceito linguístico no ciberespaço: uma análise Sociolinguística

Rafaela Cristina Botelho OLIVEIRA¹
Carlene Ferreira Nunes SALVADOR²

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em analisar postagens que circulam na rede social *Facebook* que revelam alguma modalidade de preconceito linguístico. Neste sentido, o aporte teórico sociolinguístico utilizado baseia-se em Labov (2008), Bagno (2007; 2015) e Bortoni-Ricardo (2017), em relação ao ambiente virtual Lévy (1996; 2010), Aparici (2012), Martino (2015) e Barton e Lee (2015), além de Rojo e Moura (2012) no tratamento dos gêneros. A amostra sob análise foi coletada de postagens oriundas da rede social *Facebook*. Os resultados obtidos revelam o preconceito linguístico, sobretudo quando os usuários ferem as construções gramaticais cristalizadas pela norma culta.

Palavras-chave: Sociolinguística; Preconceito linguístico; Ciberespaço.

Considerações Iniciais

O processo de escolarização básica no Brasil coloca em evidência o ensino da modalidade escrita em relação à modalidade oral que ocorre em construções, as quais materializam o tratamento elaborado dado a essa primeira modalidade. Sendo assim, as escolas ainda focam seus planos de curso e professores ministram aulas de Língua Portuguesa com o enfoque nas concepções de “certo” e “errado” impostos pela Gramática Tradicional (GT). Para Bagno (2007, p. 64), ela “[...] merece ser estudada, como um importante patrimônio cultural do Ocidente, mas não para ser aplicada cegamente como única teoria linguística válida nem, muito menos, como instrumental adequado para o ensino”, ou seja, a GT deve ser estudada, mas não de forma única, como verdade absoluta, devem-se considerar as demais teorias linguísticas para que haja uma abrangência maior no que tange ao conhecimento linguístico.

Igualmente, é por meio desse ensino tradicional de língua, onde é muito valorizada a norma culta e pouco é abordada a questão da variação linguística existente no Português Brasileiro (PB) e quando abordadas, são vistas como “erros” gramaticais, que os estudantes aprendem a “corrigir”, e conseqüentemente começam a praticar o preconceito linguístico, muitas vezes de forma intolerante.

¹ Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Belém, Brasil. E-mail: botelho.rafaela27@gmail.com.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Docente Adjunta do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: carlene.salvador@ufrpa.edu.br.

Verifica-se em meio ao desenvolvimento da temática, a variação linguística presente na Língua Portuguesa, a qual pode ser observada em diferentes contextos das interações sociais, especificamente no âmbito do *Facebook*. Com base nas relações interpessoais desenvolvidas na rede social *Facebook*, nestes termos, é feita a análise também da forma preconceituosa, e muitas vezes intolerante, como algumas pessoas demonstram, quando se referem às variantes linguísticas observadas no PB, utilizando-se do humor, de forma intolerante ou não, e evidenciando a disseminação do preconceito linguístico no ciberespaço.

Além disso, a exposição temática corrobora na elucidação da forma sociolinguística em que as postagens do *Facebook* são utilizadas para disseminar o preconceito, o sentimento de repulsa e o ódio, com determinada intolerância, empregadas por muitos indivíduos em seus discursos escritos.

A área de estudo abordada consiste no âmbito da utilização da Língua Portuguesa, mais precisamente, no PB e sua variação no ciberespaço. Em vista disso, a aplicação do humor e do preconceito linguístico como via de escárnio para as variantes recorrentes, são publicadas, compartilhadas e comentadas no *Facebook* e disseminadas, por exemplo, por meio de capturas de tela em esfera digital.

Para efeito de sistematização, este artigo está estruturado em seções. Nas *Considerações iniciais*, foi contextualizado o campo e o objeto de pesquisa. Em seguida, na seção *Sociolinguística* abordamos a definição da área estudada, os conceitos de variação e mudança, variedade que deram suporte à análise sociolinguística do preconceito e do humor, além de uma seção acerca da *Gramática tradicional x Preconceito linguístico*, na qual foram apresentados de forma sucinta os mitos que circundam questões da língua portuguesa e suas respectivas regras gramaticais. Em seguida, há uma seção que trata a respeito da *Linguagem e letramento digital*. Posteriormente, são descritos os *procedimentos metodológicos*, seguidos da *apresentação dos resultados*.

Sociolinguística

A língua, para Bagno (2007, p. 36) é “[...] heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução”, ou seja, a língua nada mais é do que um produto em constante movimento, suscetível às alterações, podendo sofrer modificações no decorrer do tempo. Nesse âmbito, a Sociolinguística, “[...] área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos (COELHO et al, 2015, p.

12), é um campo de estudo que se ocupa de entender como forças exteriores, fatores sociais influenciam diretamente no sistema da língua.

Tendo em vista os preceitos sociolinguísticos, faz-se necessário definir *variedade*, *variação* e *mudança linguística*. De forma resumida, *variedade* refere-se à fala de uma dada comunidade, por exemplo, quanto aos critérios geográficos, pode-se isolar a *variedade dos paraenses* e a *variedade dos maranhenses*; por meio de critérios sociais, pode-se exemplificar, a *variedade dos falantes não alfabetizados e dos falantes de que possuem nível superior completo, além da variedade dos falantes pré-adolescentes e dos falantes adultos*. Ademais, podem-se destacar outros critérios, como alguma prática que consubstancia os falantes, um exemplo disso seria a variedade dos falantes que acessam a rede social *Facebook*, a qual é aplicável neste trabalho.

Por sua vez, a *variação linguística* é um “processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional” (COELHO et al, 2015, p. 16), ou seja, com a mesma significação. Além disso, a variação é tratada em função dos seus níveis linguísticos, sendo eles: *fonético*, *fonológico*, *semântico-lexical*, *sintático* e *discursivo*. A *variação lexical*, por exemplo, se ocupa de verificar como palavras diferentes que definem uma mesma coisa, variam conforme cada região; vejamos os casos de variação existentes entre os regionalismos, *abóbora – jerimum*, *macaxeira – mandioca*, *coisa – trem – troço etc.*

Quanto à *variação fonológica*, esta é bastante frequente no português falado no Brasil e possui vários tipos, os quais estão destacados de forma sucinta no Quadro 1 com base em Coelho et al (2015). É com base nesses níveis que a análise deste trabalho foi realizada, portanto, vale expor os conceitos em seus pormenores.

Quadro 1 – Variação fonológica

Síncope	É a “supressão de um segmento sonoro no interior da palavra. Há uma tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas” (COELHO, 2015, p. 26)	<u>Exemplos:</u> <i>fosfro</i> (fósforo); <i>arve</i> (árvore); <i>abobra</i> (abóbora), etc.
Monotongação	Trata-se de uma redução de um ditongo em uma vogal.	Redução de /ow/ para /o/: <i>besôro</i> (besouro); De /ey/ para /e/: <i>queijo</i> (queijo); De /ay/ para /a/: <i>faxa</i> (faixa), etc.

Alçamento das vogais médias pretônicas	Refere-se à elevação das vogais pretônicas por influência de uma vogal em sílaba seguinte.	“Disprezo” (desprezo); “Custura” (costura); “Bisôro” (besouro); “Insino” (ensino).
Epêntese vocálica	É a emissão de uma vogal entre consoantes.	“Adejetivo” (adjetivo); “Adivogado” ou “adevogado” (advogado); “Pineu” ou “peneu” (pneu).
Rotacismo	Trata-se da troca do [l] pela consoante [r].	“Prástico” (plástico); “Bicicreta” (bicicleta); “Probrema” (problema).

Fonte: Coelho *et al* (2015).

De acordo com Coelho *et al* (2015, p. 26), a variação morfológica ocorre quando há alteração de um morfema da palavra. Segue um exemplo: supressão do gerúndio (-ndo) – fenômeno da assimilação, onde o morfema cai, sofre redução para -no (amano – amando; dançano – dançando; quereno – querendo). Há ainda a supressão do -r (marca de infinitivo dos verbos), exemplo: querê (querer); amá (amar), etc. Por sua vez, a variação sintática ocorre na construção frasal, por exemplo, nas orações, na posição do clítico em relação ao verbo: eu vi-o na exposição / eu o vi na exposição.

Para Tarallo (2007, p. 63) “[...] nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”, ou seja, a variação linguística que ocorre em uma palavra não significa alterar o sistema de escrita da língua, mas sim, alterar momentaneamente, em um contexto específico, enquanto mudar uma língua significa que ela sofreu variação no decorrer do tempo.

Portanto, observa-se que a sociolinguística, além de possibilitar a investigação dos fenômenos recorrentes na língua, permite quantificá-los para um estudo mais abrangente acerca de um dado estatístico com base em Labov (2008). Além disso, permite analisar e comparar o uso da língua materna com a gramática em uso.

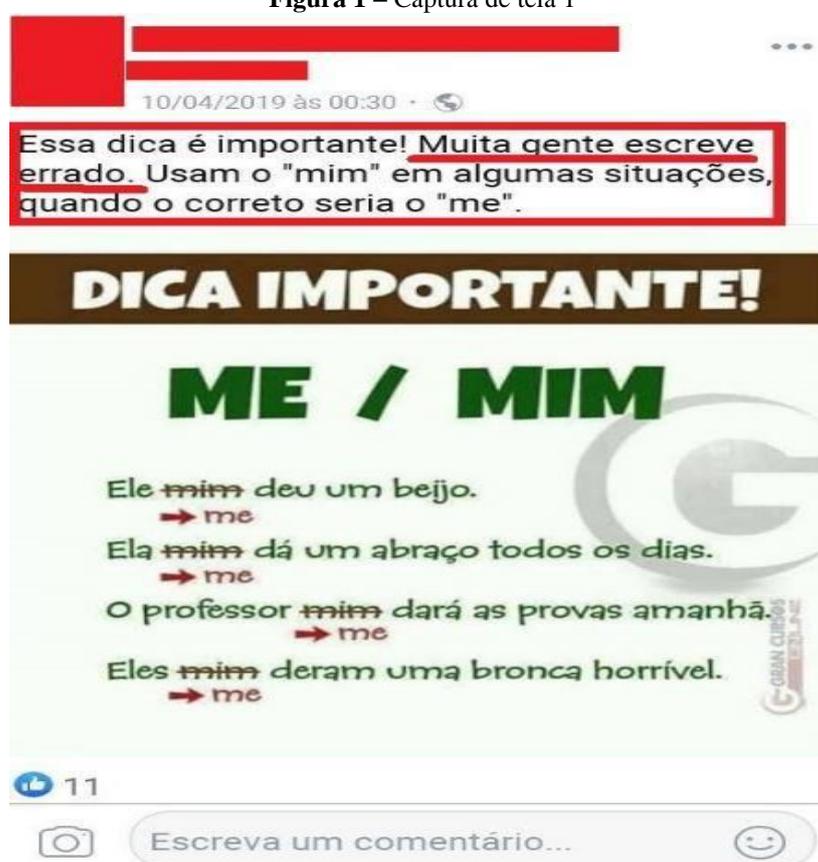
Gramática tradicional x preconceito linguístico

O ensino de Língua Portuguesa durante a Educação Básica é essencialmente voltado às questões da Gramática Tradicional (GT), doravante GT, a qual tem como interesse maior a análise gramatical, limitando-se ao estudo das frases (isoladas e descontextualizadas). Além disso, há uma supervalorização da norma-padrão e sua consequente doutrina do escrever e falar bem, preocupando-se com a língua em sua modalidade escrita, porém, é relevante

observar que não há apenas essa modalidade, vale ressaltar a existência da modalidade oral, o que a GT não mostra interesse.

No âmbito digital, a questão mencionada acima não é diferente. A doutrina do perfeccionismo linguístico ou do incômodo ortográfico, a busca por uma língua ideal no meio digital está cada vez mais frequente, principalmente, nas redes sociais, onde há uma vasta relação interpessoal, contato com pessoas diversas, de diferentes línguas, classes sociais, níveis de escolaridade, culturas e das mais variadas localidades. Pode-se verificar essa doutrina do perfeccionismo linguístico imposto pela GT na captura de tela, a seguir:

Figura 1 – Captura de tela 1



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 07 de julho de 2019.

Sabe-se que, na rede social *Facebook*, assim como nas demais plataformas digitais, a linguagem usual é a informal, devido, principalmente, à facilidade e rapidez durante a comunicação. Tendo em vista o meio em que circula, essa modalidade é intitulada *internetês*. Entretanto, pode-se observar que alguns usuários da língua ainda buscam por um modelo de escrita “perfeito” aos parâmetros da GT, ainda que elas mesmas não disponham de uma “língua ideal” como exigem, e são esses usuários que, ao se depararem com a variação,

favorecem o preconceito linguístico – em alguns casos, chegando à intolerância. De acordo com Bagno (2007), esse tipo de preconceito:

É aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma. De tal maneira, está associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismos, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo. O preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais empregados na atualidade e pode ser um importante propulsor da exclusão social (BAGNO, 2007, p. 12).

Neste sentido, a concepção expressa pelo autor retrata parte da noção intuitiva popular que o usuário tem em relação à sua própria língua. Essa mesma noção possibilita a qualquer falante eleger as formas de prestígio, ou seja, aquelas aceitas e postas em evidência, principalmente no registro escrito, e as formas estigmatizadas, aquelas que refletem as características menos valorizadas dentro do sistema da língua.

Em relação ao ensino formal, as escolas têm o papel fundamental de ensinar a ler e escrever, e conseqüentemente, acabam por repassar os mais variados mitos acerca da língua, proporcionando uma escolarização que favorece o fortalecimento do preconceito linguístico (BAGNO, 2007, p. 19), o qual torna a aprendizagem um problema, sem visão crítica acerca da linguagem oral e escrita e suas possíveis variações, haja vista que a GT se baseia na visão do *certo* e *errado*, impondo, de forma doutrinária, regras gramaticais para uma língua padrão, ideal, perfeita, assemelhando-se às escrituras de grandes poetas, como Camões.

Nesse contexto, a tarefa da educação linguística contemporânea é com afirma Bagno (2015) “[...] permitir, incentivar e desenvolver o letramento dos alunos”, ou seja, inseri-los em uma cultura letrada, mas, para isso, devem-se descartar as atividades de análises gramaticais descontextualizadas. Ler e escrever, apenas isso deve ser feito. Os professores devem utilizar os mais variados textos, de todos os tipos e gêneros.

Linguagem virtual x Letramento

Segundo Martino (2015), o termo “virtual” muitas vezes é empregado como tudo aquilo que é contrário ao real, porém, para Lévy (1996), o “virtual” é parte integrante do real, não se opõe. Para o filósofo francês, o virtual trata-se do que está acontecendo no momento, é tudo aquilo que é atual. Para ele, o mundo virtual pode se opor ao mundo físico, porém, não ao mundo real, haja vista que o “[...] mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real.” (MARTINO, 2015, p. 31).

Nesse espaço entrelaçado entre o real e o virtual, denominado como ciberespaço, termo usado pela primeira vez no livro de William Gibson, intitulado *Neuromancer*, lançado em 1984, têm-se as relações marginais que propiciam além da rápida conexão, também o preconceito em suas diversas faces. A esse respeito, Martino (2015) afirma que:

[...] é a interconexão digital entre computadores ligados em rede. É um espaço que existe os computadores, quando há uma conexão entre eles que permite aos usuários trocarem dados. É criado a partir de vínculos, e não se confunde com a estrutura física – os cabos, as máquinas, os dispositivos sem fio – que permite essa conexão (MARTINO, 2015, p. 29).

Desse modo, o termo ciberespaço refere-se a uma conexão de redes que interligam as pessoas de forma que as mantêm conectadas umas às outras por meio da internet, isto é, todas as pessoas com acesso à internet fazem parte do ciberespaço, quando há “[...] troca de informações, compartilha dados, publica alguma informação” (MARTINO, 2015, p. 29). O ato de compartilhar ocorre, então, no ciberespaço e possibilita que os indivíduos construam suas identidades virtuais nas grandes redes sociais. Para Martino (2015, p. 55), as redes sociais “podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes.”

No que tange à expressão *redes sociais*, ela foi criada pelas Ciências Sociais para explicar relações interpessoais, por esse motivo, deve-se especificar o tipo de rede social abordada. As redes sociais aqui abordadas são as *online*, conectadas ou digitais, mais especificamente, o *Facebook*.

Nesse âmbito, o *Facebook* teve seu lançamento em 2004 nos Estados Unidos e inicialmente sua proposta era apenas um sítio para ser utilizado entre os universitários de Harvard com o intuito de facilitar a comunicação entre eles, porém, espalhou-se de forma acelerada pelo mundo inteiro. Ao longo dos anos, suas funcionalidades e o seu *layout* foram sofrendo modificações, entretanto, ainda possui o recurso de escrita disponível: *atualizações de status*, o qual, a cada atualização ao longo dos anos, está sendo cada vez mais aperfeiçoado, tendo a opção de compartilhar fotos, vídeos etc. Além disso, ainda há o recurso de comentários, o que, segundo Barton e Lee (2015, p. 59) “age como um *site* para mini fóruns de discussão”, ou seja, o *Facebook* é uma rede social que possui uma plataforma excelente para as interações sociais comunicativas, podendo, também, servir como fonte de investigação linguística devido aos seus mais variados discursos escritos e em mídia de áudio ou vídeo que são compartilhados a todo momento.

Tendo em vista que o uso do ciberespaço tem trazido grandes modificações nos comportamentos e interesses das pessoas, especificamente nos mais jovens, a educação vem trabalhando para que torne esse contato entre pessoas e as redes algo voltado ao ensino de forma eficaz, utilizando-se de meios bastante frequentes na vida delas, para isso, o Letramento vem de forma inovadora e transformadora no âmbito educacional, no entanto, essa questão será abordada no subtópico a seguir.

Letramento digital

Antigamente, as práticas de letramento nas escolas restringiam-se aos exercícios de escrita e leitura, cuja tecnologia para o ensino de língua era apenas a linguagem escrita. Entretanto, sabe-se que a sociedade está em constante modificação, inclusive com a nova era tecnológica, onde “[...] os textos combinam imagens estáticas (e em movimento), com áudio, cores, *links*, seja nos ambientes digitais ou na mídia impressa” (ROJO; MOURA, 2012, p. 75).

Assim como em várias tecnologias da informação e comunicação (TIC) existentes, o *Facebook* é um meio de veiculação da linguagem, haja vista que o diálogo entre as mais diferentes pessoas possibilita uma melhor consciência linguística e tolerância quanto às variedades linguísticas (BARTON; LEE, 2015, p. 34), rede social esta que serve como fonte de pesquisas, investigações, além de novas práticas metodológicas para um ensino de língua materna.

Ao direcionar o foco para essa grande rede, quando se trata de relacionamento interpessoal, percebem-se os comportamentos e as práticas sociais referentes à escrita e à leitura, para tanto, a autora Aparici (2012) afirma que:

O desenvolvimento das tecnologias digitais está provocando mudanças em todos os setores da sociedade, transformando as expectativas sobre como os indivíduos devem agir num mundo cada dia mais caracterizado pelas conexões e redes de comunicação (APARICI, 2012, p. 147).

Tendo por base as palavras da autora, devido ao vasto desenvolvimento no âmbito virtual, o comportamento das pessoas está sofrendo modificações, além dos mais variados setores da sociedade, por esse motivo, vale destacar neste trabalho, o setor educacional, cujo espaço está exigindo cada vez mais a adaptação ao mundo tecnológico.

Entretanto, para que essa adaptação seja possível, por exemplo, na questão do ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente, no que tange ao letramento, deve-se analisar com cautela e verificar de que forma será realizada essa conexão entre ensino e mundo digital.

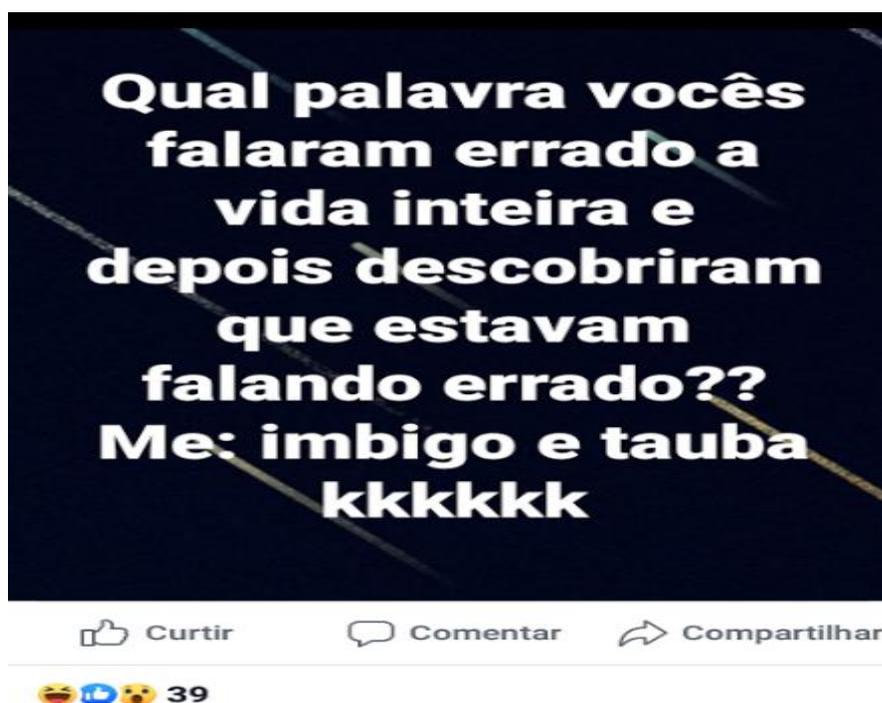
No que tange ao processo de alfabetização virtual, os autores Colo e Pardo (2007, apud APARICI, 2012, p. 155) afirmam que “[...] não repercute numa maior igualdade social, nem numa distribuição mais justa dos lucros e dos bens, mas potencializa a desigualdade, excluindo ainda mais os já excluídos da geração anterior”. Percebe-se que os autores não veem como uma boa ideia a adaptação da alfabetização no âmbito virtual, haja vista que alfabetizar uma pessoa com mais idade já é um processo complexo, então, será ainda mais dificultoso no letramento digital, haja vista que nem todos possuem acesso à internet devido a diversos fatores como: baixas condições financeiras para adquirir um aparelho com acesso (computador, notebook, tablet e até mesmo um simples celular) e instalação de internet, além da moradia em localidades distantes das cidades, o que dificulta a chegada de internet. Portanto, aumentando o nível de desigualdade e exclusão, haja vista que não são todos que possuem esse acesso e facilidade de “navegar” no espaço digital.

Procedimentos metodológicos

Para constituir a amostra sob análise, realizou-se, inicialmente, a pesquisa do tipo bibliográfica, a qual faz parte da pesquisa descritiva de acordo com Cervo (2007), além de compor, segundo Lakatos (1992, p. 44), o “[...] primeiro passo de toda pesquisa científica”, no sentido de que ela possibilita ao pesquisador uma bagagem teórica variada, contribuindo para ampliar o conhecimento acerca da temática da investigação e fazer da pesquisa um material rico sobre o assunto, fundamentando teoricamente o material a ser analisado.

Para que se conseguisse atender ao critério da sistematicidade, a amostra coletada foi constituída a partir de 60 capturas de tela de postagens e comentários extraídos da rede social *Facebook*. A Figura 2 ilustra um desses casos.

Figura 2 - Captura de tela 2



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 13 de junho de 2019.

O exemplo exposto na Figura 2 ilustra a noção que a Gramática Tradicional impõe aos falantes ao longo de suas vidas, principalmente na vida escolar, a qual se expande para outras esferas de seu convívio social e mostra como a norma padrão influencia no modo como esse falante recebe e percebe a própria língua: a noção de *certo* e *errado*.

No exemplo em tela, observa a variação em nível fonético manifesta em dois itens lexicais: imbigo > umbigo e tauba > tábuca. A primeira delas evidencia o fenômeno da troca entre duas vogais altas que se alternam. Na segunda ocorrência, tem-se a transposição de um segmento fonético no interior de uma palavra. Ambas são vistas pelo usuário responsável pela postagem como “errôneas e incômodas”, segundo suas concepções baseadas em regras gramaticais.

Assim como disposto acima, foram coletadas 60 amostras de postagens e comentários que continham em suas mensagens alguma forma de preconceito linguístico. Esse processo de seleção e coleta ocorreu entre os meses de março e setembro de 2019. Após a coleta, o *corpus* foi organizado de maneira que a identidade do autor de cada postagem e seus respectivos comentários fosse preservada, atendendo ao elemento salientado por Tarallo (2007), quanto ao uso de pessoas e imagens, mesmo que se trate de páginas abertas ao público.

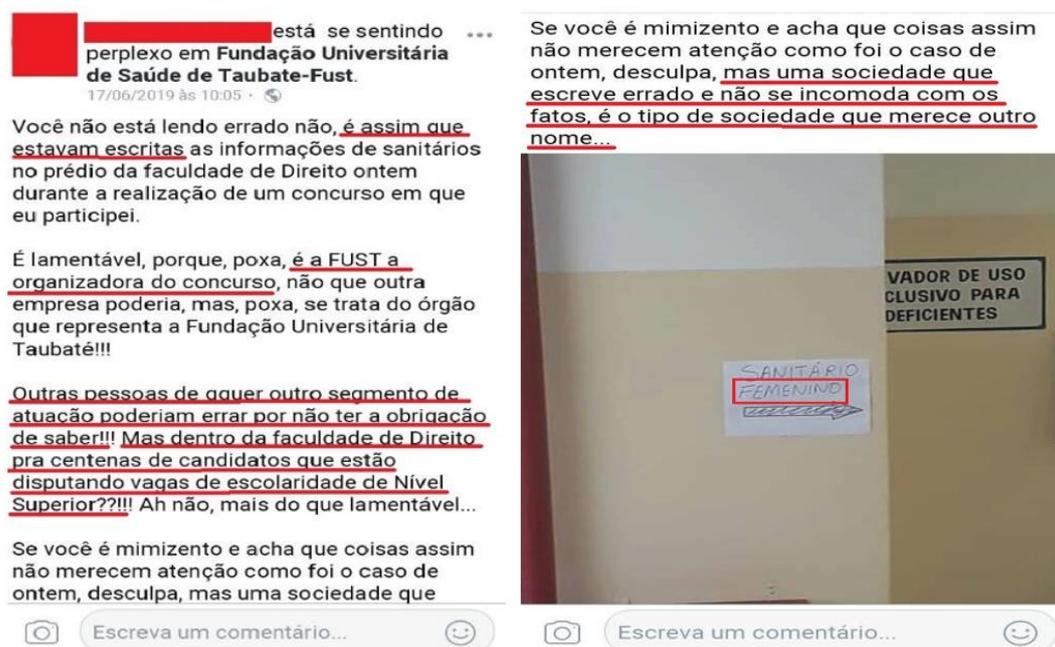
Ademais, para a especificação e análise do tom humorístico recorrentes nas postagens e comentários em análise, foi utilizado como embasamento teórico, o autor Sírío Possenti (2008), o qual afirma que:

As piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos, ou seja, eles teriam um *corpus* suficiente, sendo excelente para que pudessem estudar as diversas manifestações ideológicas e culturais. O referido autor atribui as piadas em temas totalmente opostos (ex.: política, sexo, racismo, canibalismo, sofrimentos, deficiências físicas, e, inclusive, questões acerca das próprias línguas, dentre outros), que causam riso, à uma “espécie de sintoma.” (POSSENTI, 2008, p. 25).

Como afirma o autor, o disseminador da piada geralmente se utiliza de temas polêmicos e delicados de se abordar, haja vista que são estes que chamam e prendem a atenção de sua plateia.

Em vista disso, pode-se observar que a *Internet* é um dos grandes agentes potencializadores do surgimento do preconceito linguístico. Porém, segundo Barton e Lee (2015), as pessoas podem ser mais reflexivas e conscientes quanto à linguagem. Além disso, o contato participativo e dialógico, a interação virtual entre as pessoas dá suporte para a ludicidade e criatividade, permitindo a criação e a inovação das postagens, comentários e seus consequentes humores que, especialmente, por meio do mecanismo da variação linguística, contribuem para o arcabouço do preconceito linguístico, e muitas vezes, da intolerância linguística. Um exemplo dessa intolerância está ilustrado na sequência de postagens que compõem a Figura 3.

Figura 3 – Captura de tela 3: Intolerância



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 10 de maio de 2019.

Na Figura 3, pode-se observar o usuário responsável pela postagem problematizando, de forma intolerante, seu incômodo referente ao que está escrito na placa: Sanitário *femenino* de acordo com a norma-padrão, a palavra é grafada *feminina*, porém, do ponto de vista sociolinguístico, trata-se de um exemplo de variação a qual ocorre devido ao alçamento da vogal média pretônica. Além disso, observa-se na imagem que o usuário justifica sua indignação com o argumento de que o “erro” ocorreu durante a realização de um concurso de nível superior e dentro da faculdade de Direito.

Esse processo de seleção das postagens e posterior verificação do fenômeno variável foi repetido até que se chegasse ao total de 60 exemplos, de modo que a amostra estivesse de acordo com a orientação de Tarallo (2007) quanto aos dados sociolinguísticos de representatividade igual ou superior a 48 ocorrências.

Apresentação dos resultados

A análise proposta para este estudo está pautada na maneira como os desvios da norma padrão são julgados no espaço virtual, especificamente na rede social *Facebook*, causando preconceito linguístico. A comprovação de parte do caráter preconceituoso das postagens coletadas ocorre por meio dos comentários emitidos a partir de uma postagem inicial.

Internautas interagem, trocam experiências, como salienta Lévy (2010), e protegidos por seus perfis emitem comentários que colocam em evidência a noção de erro que é repassada pelos anos de escolarização no ensino básico (BAGNO, 2015).

Após o processo de seleção, chegou-se ao total de 60 capturas de telas coletadas, tal qual o exemplo ilustrado na Figura 4.

Figura 4 – Capturas de tela do *corpus*



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 25 de junho de 2019.

A Figura 4 mostra a ocorrência de variação linguística e o preconceito linguístico gerado a partir da postagem em evidência. A análise da postagem, mostra que em relação à grafia do termo *ÇOCORRO*, a palavra utilizada pelo usuário que compartilhou a postagem, como forma de satirizar a notícia *SOCORRO – Assassinos do português atacam novamente*, com determinada carga de humor (POSSENTI, 1998), assim como a noção de preconceito linguístico (BAGNO, 2007). Além disso, vale especificar o tipo de variação ocorrente no vocábulo *ÇOCORRO*: trata-se de variação fonológica, em que se observa a troca do <s> por <ç> na palavra: *ÇOCORRO*. O mesmo ocorre na Figura 5, em que a fachada de um estabelecimento exibe a palavra *ESPASSO*, de beleza: o mesmo fenômeno, entretanto, aqui, a troca é do <ç> para o <ss>.

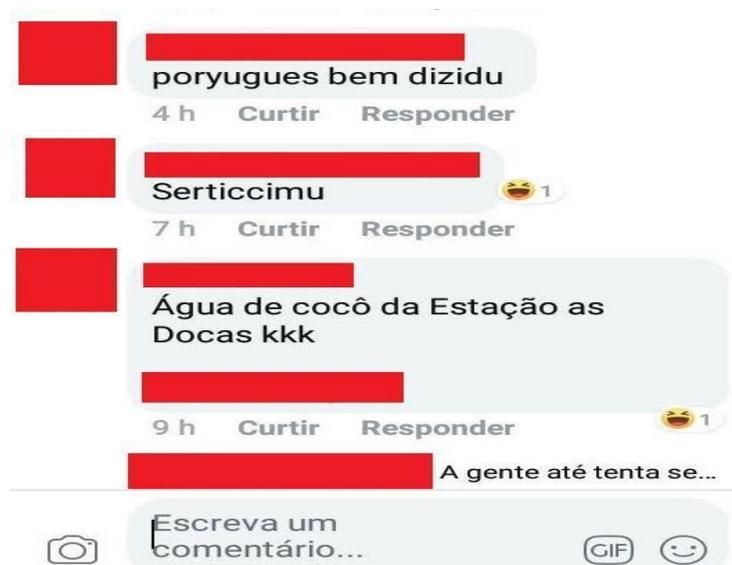
Figura 5 – Captura de tela: *Espasso*



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 25 de junho de 2019.

O comentário na Figura 5 traz a exemplificação do humor abordado neste trabalho como forma de ironizar a variação linguística considerada como “erro” gramatical pelos internautas que têm o padrão da GT em evidência. Mais um exemplo de preconceito expresso na rede social *Facebook* está ilustrado na Figura 6.

Figura 6 - Captura de tela: *dizidu*



Fonte: Extraído do *Facebook*. Acesso em 22 de maio de 2019.

Percebe-se que na Figura 6 há 3 (três) comentários de usuários da grande rede, são eles: *português bem dizidu*, expondo, de forma irônica, que o português utilizado pela pessoa responsável pela postagem é um português mal-dito/mal falado, com estruturação da frase negativa *aos olhos da gramática normativa*, fazendo referência ao ditado popular muito utilizado: “Português bem dizido ninguém correge (...)”. Além do comentário *Serticcima*, no lugar de certíssimo.

Como salienta Lévy (1996) o processo de interação amparado pelas redes sociais, possibilita a ocorrência de situações que podem ser consideradas simples humor, mas que em alguns casos, podem refletir o preconceito linguístico. O usuário da grande rede ao mesmo tempo que tem facilidade de acesso, o que muitas vezes acontece por meio de aparelho celular, também fica exposto a comentários maldosos e discriminatórios, como ocorre com indivíduos não letrados digitalmente (ROJO; MOURA, 2012).

Para além das postagens lúdicas e engraçadas de muitos internautas, os dados apresentados revelam o manejo do falante com a língua que lhe serve de conexão com o mundo exterior e parte do fracasso escolar brasileiro. Pessoas que usam a grande rede no intuito de interagir com outras pessoas e que são excluídas por conta de um baixo nível instrucional evidenciado pelo pouco domínio da modalidade escrita da língua. Neste caso, o processo de letramento extrapola os muros das escolas e mostra como a norma padrão regula as atividades relacionadas às produções linguísticas.

O humor, como nos casos visto aqui, ao mesmo tempo em que ampara momentos de distração, serve também de *pano de fundo* para a disseminação de ideias conservadoras em relação à língua materna. O juízo de valor negativo emitido por aqueles que se encontram em ambientes virtuais passa a ser velarizado. Porém, ao se considerar a língua como um organismo dinâmico, passível de variação, sem desvalorizar a condição da norma culta, torna-se possível amenizar as relações conflituosas originárias da grande rede.

Considerações finais

A proposta deste artigo, pautada nos princípios sociolinguísticos, consistiu basicamente em avaliar a noção de preconceito linguístico presente nas postagens e comentários da rede social *Facebook*. A amostra recolhida e a análise realizada, comprovam a hipótese de que além do humor provocado por tais mensagens, ocorre paralelamente a esse processo, a difusão do preconceito, que por sua vez causa constrangimentos para quem emite a mensagem e possibilita, em última instância, verificar como os sujeitos, amparados pelo

suporte virtual, podem se esconder ou se mostrar frente a ideia de que a língua deve apresentar um parâmetro formal.

Durante o processo de recolha de dados, percebeu-se que além das postagens originais, o que valida a noção de preconceito linguístico existente são os próprios comentários de outros internautas. As capturas de tela dessas ocorrências mostram casos de variação fonológica, morfológica e sintática. A pesquisa que se propôs exploratória, portanto, não exaustiva, alcançou o objetivo de constituir o *corpus* passível de análise.

Em suma, é importante salientar que a Língua Portuguesa apresenta variedades dialetais, as quais a partir de suas manifestações possibilitam emergir, dentre outros fatores, o *preconceito linguístico*, oriundo na maioria das vezes de usuários cuja percepção de língua ainda está atrelada a fatores normativos e práticas de ensino tradicionais. Portanto, o preconceito linguístico pode acontecer até mesmo por meio de uma postagem desprezível, no entanto, a discussão acerca da variação linguística pode começar dentro da escola, pois como visto, essa discussão extrapola a sala de aula.

REFERÊNCIAS

- APARICI, Roberto. *Conectados no ciberespaço*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARTON, David; LEE, Carmem. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota - 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CERVO, Amado Luiz. *Metodologia científica*. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

Humor and linguistic prejudice in cyberspace: a Sociolinguistic analysis

Abstract: The purpose of this article is to analyze posts that circulate on the Facebook social network that reveal some form of linguistic prejudice. In this sense, the socio-linguistic theoretical support used is based on Labov (2008), Bagno (2007; 2015) and Bortoni-Ricardo (2017), in relation to the virtual environment Lévy (1996; 2010), Aparici (2012), Martino (2015) and Barton and Lee (2015), in addition to Rojo and Moura (2012) in the treatment of genres. The sample under analysis was collected from posts coming from the social network Facebook. The results obtained reveal the linguistic preconception towards grammatical constructions crystallized by the grammatical norm.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic prejudice; Cyberspace; Facebook.